

Xadrez Para Todos: Movendo as Peças da Inclusão

Resumo:

Este relato de experiência tem como objetivo evidenciar as contribuições do projeto "Xadrez Para Todos: Movendo as Peças da Inclusão", realizado em parceria com o Programa de Ensino de Ciências e Matemática - PROCIMA. O projeto foi desenvolvido em uma escola de Vitória da Conquista - BA, em uma sala multifuncional, com 12 encontros semanais, sendo 2 encontros de 1 hora por semana, com o intuito de atender às necessidades de um público diversificado, incluindo alunos com Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Física e Baixa Visão. O principal objetivo deste trabalho foi evidenciar o uso do xadrez como uma prática pedagógica no ensino de jogos para alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os resultados observados indicaram uma melhora significativa no comportamento dos alunos, na interação com os colegas e em outros aspectos importantes para compreensão do jogo, contribuindo para o processo de inclusão, desenvolvimento cognitivo e aprendizado desses alunos.

Palavras-chaves: AEE. Ensino. Extensão. Inclusão. Xadrez.

1 Introdução

O xadrez é um dos jogos mais antigos e populares do mundo na qual é utilizado como grande ferramenta educacional que estimula o raciocínio lógico e a concentração, o aprimoramento das habilidades cognitivas, emocionais e sociais. De acordo com Castro (2014), o xadrez pode ser uma ferramenta eficaz no desenvolvimento de habilidades como concentração, memória, raciocínio lógico e resolução de problemas. Por isso, sua utilização no processo de ensino-aprendizagem é bastante significativa.

No contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), o xadrez ganha ainda mais relevância, sendo um recurso inclusivo que pode ser utilizado nas salas de recursos multifuncionais para atender às necessidades específicas de estudantes com deficiência.

Deficiência intelectual (DI) é um transtorno onde se inicia no período do desenvolvimento, onde se inclui déficits funcionais, intelectuais e adaptativos, com início no

**Marcelo Teófilo Barbosa
Paes**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, BA – Brasil

<http://orcid.org/0000-0000-0000-0000>
✉ Marceloteopaes@gmail.com

Mikelle Chagas Tavares

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, BA – Brasil

<http://orcid.org/0009-0002-9396-8848>
✉ mikelletavares2020@gmail.com

**Roberta D'Angela
Menduni-Bortoloti**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, BA – Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-2713-5699>
✉ robertamenduni@uesb.edu.br

Recebido • 04/04/2025
Aprovado • 05/06/2025
Publicado • 08/08/2025

Relato de Experiência

período do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos campos conceitual, social e prático. As principais características da deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) são dificuldades nas habilidades mentais gerais e nos aspectos do dia a dia, quando comparadas com pessoas da mesma idade, gênero e contexto social (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2024)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social, além de comportamentos, interesses ou atividades repetitivas e restritas. Esses sintomas surgem desde a infância e afetam o funcionamento diário da pessoa. O grau pode variar conforme as características do indivíduo e o ambiente em qual vive. Embora as dificuldades principais do transtorno sejam visíveis desde o desenvolvimento inicial, intervenções, adaptações e apoio podem disfarçar esses desafios, especialmente em certos contextos. As manifestações do TEA também variam bastante, dependendo da gravidade do transtorno, do nível de desenvolvimento e da idade, o que explica o uso do termo "espectro" (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2024)

A deficiência física refere-se a uma limitação no funcionamento físico-motor do ser humano, resultante de comprometimentos nos sistemas osteoarticular, muscular e neurológico. As lesões ou doenças associadas podem afetar um ou mais desses sistemas, ocasionando restrições físicas de diferentes intensidades, dependendo dos segmentos corporais impactados e do tipo de lesão envolvida.

A baixa visão é uma condição intermediária em relação à cegueira e a possibilidade de enxergar por um completo. A baixa visão pode apresentar de diversas formas diferentes. Os indivíduos com essa condição não enxergam da mesma maneira e nem têm a mesma acuidade. Desta maneira, vai depender qual é a natureza do comprometimento, de como se manifesta e se o indivíduo está acostumado a utilizar o resíduo visual.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é relatar uma experiência desenvolvida com alunos da sala multifuncional durante a realização de um curso de xadrez, enfatizando TEA e DI.

2 Metodologia

A experiência foi realizada na sala multifuncional de uma escola municipal da cidade Vitória da Conquista – BA, com a participação de sete alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), três com Deficiência Intelectual (DI), três com deficiência física e um com baixa visão. O curso teve como objetivo apresentar o xadrez de forma leve e significativa, buscando despertar o interesse e contribuir com o desenvolvimento do raciocínio lógico, da concentração, do autocontrole e das habilidades socioemocionais dos alunos, respeitando o tempo, os interesses e as particularidades de cada um.

"O xadrez, amplamente reconhecido em escala global, tem sido praticado há séculos, consolidando-se como uma ferramenta importante para o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas que extrapolam os limites do jogo em si." (CASTRO, 2024).

O curso, chamado "Xadrez Para Todos: Movendo as Peças da Inclusão", foi dividido em doze encontros realizados duas vezes por semana, com duração de aproximadamente uma hora cada, sempre no turno oposto ao das aulas regulares. As atividades foram organizadas em uma sequência de conteúdos adaptados ao ritmo de aprendizagem de cada aluno. A princípio, foi feita a apresentação do tabuleiro e das peças, junto com uma narrativa simples sobre a origem do jogo e outra fictícia, criada para facilitar a compreensão do posicionamento inicial das peças no tabuleiro. Depois, foram trabalhados os movimentos básicos, primeiro de cada peça separadamente, depois em combinação com outras, além do modo de capturar e os valores relativos. Nos últimos encontros, foram apresentados os movimentos especiais (promoção, roque e *en passant*¹), o conceito de xeque e o xeque mate.

As aulas aconteceram com o acompanhamento da professora do AEE durante o ensino enxadrístico. Essa dinâmica contribuiu para um melhor acompanhamento e permitiu uma atenção mais individualizada às necessidades de cada aluno. No caso dos alunos com TEA, foi possível perceber que cinco deles ficavam cansados e perdiam o interesse após cerca de 20 a 25 minutos de aula. Quando isso acontecia, era feito um intervalo, e o aluno seguia para brincar com outros jogos disponíveis na sala por cerca de 10 minutos e depois retornava ao xadrez. Já dois alunos com TEA apresentaram grande empolgação pelo jogo, preferindo jogar com todas as peças no tabuleiro e demonstrando interesse em jogar entre si. Com esses alunos, foi possível avançar rapidamente no conteúdo, abordando inclusive o xeque-mate.

Durante as atividades, algumas adaptações foram necessárias. Um exemplo foi o movimento do cavalo, que causava dificuldade, especialmente entre os alunos com TEA. A complicação de compreender a lateralidade exigiu o uso de recursos alternativos, como a explicação "lado da mão que você escreve" para diferenciar esquerda e direita. Também foram utilizados recortes em papel representando os movimentos de cada peça, para facilitar a visualização e a repetição. Esses materiais ajudaram especialmente os alunos com dificuldade de abstração, pois, segundo Lorenzato (2006, p. 22), "para se chegar no abstrato, é preciso partir do concreto".

Os alunos com deficiência intelectual apresentaram maior dificuldade de memorização dos conteúdos, frequentemente esquecendo o que havia sido trabalhado nos encontros anteriores. Por esse motivo, em todas as aulas era feita uma revisão prática dos conteúdos já ensinados. Essa retomada ajudava a reforçar os conceitos e dava mais segurança aos alunos. Alguns até memorizavam os movimentos, mas ainda não compreendiam as finalidades do jogo, como o objetivo do xeque-mate. De maneira geral, a

¹ É uma regra especial do xadrez que permite a captura de um peão inimigo que acabou de avançar duas casas e posicionou-se ao lado de um peão adversário.

proposta priorizou a prática no tabuleiro físico, sempre respeitando o tempo e o processo de cada um, o que tornou a aprendizagem mais acessível e prazerosa.

3 Resultado e discussão

Durante a experiência, foi possível observar uma evolução no comportamento dos alunos, especialmente no que diz respeito à permanência na sala multifuncional, à interação com os colegas e à aceitação de regras. A professora da sala relatou que alguns alunos, que antes não se interessavam muito pelas atividades, passaram a ir para a sala com mais frequência e disposição nos dias em que havia xadrez.

Com o passar dos encontros, também foi possível notar mudanças positivas no comportamento diante das derrotas. No início, principalmente os alunos com TEA demonstravam frustração ao perder, não queriam continuar e até interrompiam o jogo antes do quarto lance. No entanto, à medida que os encontros avançavam, passaram a lidar melhor com os resultados, demonstrando paciência e controle nas partidas. Isso mostra que o jogo, além dos aspectos cognitivos, contribuiu também para o desenvolvimento das habilidades emocionais e sociais.

Três alunos com TEA conseguiram aprender todos os movimentos das peças, os conceitos de xeque, xeque-mate e os movimentos especiais. Dois compreenderam até o xeque, e outros dois demonstraram domínio parcial, especialmente no que diz respeito ao roque. Já os alunos com DI tiveram maior dificuldade de memorização. Dois deles compreenderam os movimentos, mas ainda se confundiam com as regras do jogo. Um deles não compreendeu totalmente os movimentos especiais.

O uso de expressões adaptadas para explicar a lateralidade foi fundamental, pois o uso das palavras “direita” e “esquerda” não fazia sentido para alguns alunos. A expressão “o lado da mão que você escreve” foi mais eficaz e possibilitou uma melhor compreensão, principalmente no movimento do cavalo.

Apesar das dificuldades de atenção e memorização, todos dos alunos demonstrou interesse pelo jogo e, dentro de suas possibilidades, avançou no conteúdo. Isso reforça que o xadrez, quando bem planejado e adaptado, pode ser um recurso valioso para promover o desenvolvimento de diferentes habilidades, tanto cognitivas quanto sociais, dentro do AEE.

4 Conclusão

Essa experiência foi o meu primeiro contato com a sala multifuncional, e posso dizer que foi uma vivência única, marcada por novos jeitos de ensinar, de aprender e de lidar com realidades diferentes daquelas que eu estava acostumado. Trabalhar com alunos com diferentes deficiências e ver como cada um reage ao mesmo conteúdo de forma tão

particular me ensinou muito mais do que eu poderia imaginar. Foi gratificante perceber que, mesmo com todas as dificuldades, o xadrez conseguiu despertar o interesse e possibilitar avanços, mesmo que em ritmos diferentes.

Entre os desafios enfrentados, destaco a dificuldade em oferecer atenção individual a todos os alunos na condução das aulas. Outro ponto foi lidar com diferentes alunos com deficiência na mesma turma, o que demandava estratégias diferentes dentro de um mesmo espaço e tempo. Ainda assim, percebo que cada obstáculo trouxe aprendizados e fortaleceu minha prática como professor.

Essa experiência me mostrou o quanto o ambiente escolar pode (e deve) ser um espaço de inclusão real, onde cada aluno tem seu tempo e suas potencialidades reconhecidas. O xadrez se mostrou uma ótima ferramenta para isso.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CASTRO, A. L. B. de. **O jogo de xadrez como ferramenta de inclusão na educação especial**. Editora Científica, 30 dez. 2024. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/o-jogo-de-xadrez-como-ferramenta-de-inclusao-na-educacao-especial>. Acesso em: 5 abr. 2025.

LORENZATO, S. M. O. O uso de materiais manipuláveis no ensino de matemática. In: **ANAIS DO XIV ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. Sociedade Brasileira de Educação Matemática – Regional Paraná, 2006. Disponível em: https://www.ogeogebra.com.br/sbemparana/eventos/index.php/EPREM/XIV_EPREM/paper/view/110/18. Acesso em: 22 mai. 2025.